PREVALÊNCIA DE DISTÚRBIOS OSTEOMUSCULARES EM ENFERMEIROS

MILENA NUNES ALVES DE SOUSA
GENILDO MEDEIROS DA SILVA
TARCIANA SAMPAIO COSTA
ROSA MARTHA VENTURA NUNES
HELLEN RENATTA LEOPOLDINO MEDEIROS
Faculdades Integradas de Patos, Patos, Paraíba, Brasil
minualsa@hotmail.com

INTRODUÇÃO

As atividades de enfermagem fundamentam-se em um corpo de conhecimentos científicos e habilidades manuais. Contudo, a situação do trabalho do enfermeiro parece caótica, em que atuar na área significa apenas trabalhar muito, não ser reconhecido e não receber salário digno (SILVA; LOUREIRO; PERES, 2008). Paralelamente a esta situação, os enfermeiros têm sido afetados pelas lesões osteomusculares, principalmente as algias vertebrais, causadas por diversos fatores inter-relacionados. Pesquisas realizadas em vários países exibem prevalências superiores a 80% de ocorrência de doenças osteomusculares relacionados ao trabalho (DORTs), os estudos brasileiros mostram prevalências entre 43% e 93%, decorrentes das condições ergonômicas inadequadas (MAGNAGO et al., 2007).

Os principais fatores de risco relacionados as DORTs são: organização do trabalho, fatores ambientais e as possíveis sobrecargas de segmentos corporais ocasionadas por trabalho repetitivo, movimentação e transferência de pacientes, falta de treinamento para o uso de equipamentos, técnicas e práticas de levantamento impróprias, manutenção de posturas inadequadas e estáticas, movimentos frequentes de flexão e torção da coluna vertebral e esforço físico (DAMASCENO et al., 2011; FONSECA; SERRANHEIRA, 2006).

Por conseguinte, a manipulação de doentes tem sido considerada como o mais importante fator de risco na etiologia de DORTs em enfermeiros, devido as posições extremas adotadas durante a prestação de cuidados. Assim sendo, a associação encontrada entre tais distúrbios e enfermagem indica que deve ser dada atenção não só as atividades ligadas a manuseio e transferência de pacientes, mas também as demais atividades de trabalho que requerem movimentos repetitivos e precisos com altas exigências de atenção nos procedimentos realizados pelos enfermeiros (FONSECA; SERRANHEIRA, 2006).

A partir desse conhecimento sobre como o trabalho pode trazer agravos à saúde dos homens na tentativa de adaptarem-se ao novo padrão tecnológico, mudanças organizacionais, novos valores e práticas de gestão, entre outras mudanças, considerando o crescente número de DORT nas mais diversas áreas de trabalho com um aumento crescente em profissionais de enfermagem, passamos a questionar: qual a prevalência de distúrbios osteomusculares entre trabalhadores de enfermagem? A quais DORT eles estão mais susceptíveis devido suas atividades? O que é feito para prevenção das mesmas?

Destarte, objetivou-se verificar a prevalência de distúrbios osteomusculares relacionados às atividades laborais em um grupo de enfermeiros, assim como, identificar os fatores determinantes para DORTs e averiguar as principais manifestações clínicas referentes a sintomatologia dolorosa.

MÉTODO

Pesquisa exploratória, com abordagem quantitativa, realizada com enfermeiros plantonistas de um hospital público localizado no interior da Paraíba. A amostra foi composta por 40 enfermeiros (30% da população-alvo) escolhidos de forma aleatória, igualmente

selecionados dos setores: urgência e emergência, bloco cirúrgico, unidade de terapia intensiva e clínica médica que aceitaram participar do estudo por meio do preenchimento do Termo de Compromisso Livre e Esclarecido. Foram inclusos na pesquisa os enfermeiros com mais de 3 anos de exercício na profissão, os quais estavam de plantão no momento da aplicação do questionário e que aceitaram participar da pesquisa. Excluíram-se os enfermeiros que não trabalhavam nos setores supracitados do hospital ou atuavam em outra função, como por exemplo, enfermeiros que atuam como técnicos de enfermagem.

O instrumento utilizado na coleta de dados foi um questionário contendo questões objetivas elaboradas em articulação com os objetivos do estudo. Ressalta-se que a coleta de dados, efetivada no mês de fevereiro de 2013, somente foi realizada após parecer favorável do Comitê de Ética em Pesquisa das Faculdades Integradas de Patos, conforme protocolo de nº 130/2012. Os resultados, por sua vez, foram analisados mediante estatística descritiva.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conforme coleta de dados, houve predominância de adultos jovens atuantes na enfermagem, encontrando-se na faixa etária de 25 a 34 anos, correspondendo a 75% (n=30) dos pesquisados, com idade mínima de 25 anos e máxima de 50 anos. A formação de jovens na enfermagem deve-se principalmente ao fato do ingresso cada vez mais cedo dos vestibulandos nos cursos de graduação.

No mais, houve predomínio de mulheres (87,5%; n=35), mostrando a constituição destes profissionais em todo o país, com predominância feminina. De acordo com Lopes; Leal (2005) ao retomar o aspecto sócio – histórico citam a enfermagem como nascimento de um serviço organizado pela instituição das ordens sacras. Coexiste com o cuidado doméstico às crianças, aos doentes e aos velhos, associado à figura da mulher-mãe que desde sempre foi curandeira e detentora de um saber informal de práticas de saúde, transmitido de mulher para mulher.

De acordo com Leite et al. (2007) é necessário refletir sobre a importância de que em pesquisas sobre gênero, trabalho e saúde, as situações de vida sejam avaliadas como um todo, contemplando as interações que se verificam entre trabalho doméstico e remunerado sendo este um aspecto chave na compreensão do impacto diferenciado das condições de trabalho sobre a saúde de homens e mulheres, lembrando a agudização do peso da tripla carga de trabalho imposta às mulheres.

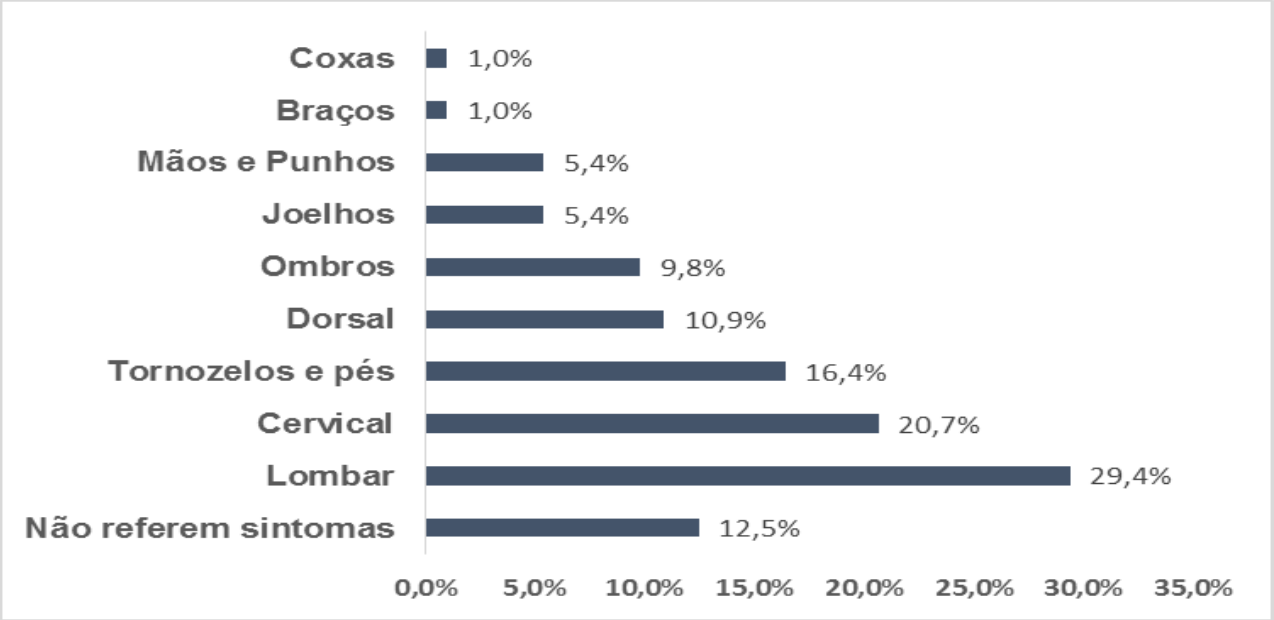
Em relação à situação conjugal, verificou-se uma prevalência de casados 52,5% (n=21), dados que somados ao processo de trabalho podem contribuir para o aumento da exposição aos riscos de agravos à saúde, pois muitas vezes, esses trabalhadores sobrepõem às jornadas laborativas outros compromissos familiares. Segundo Alves; Godoy (2009), em um estudo realizado para definir as causas de absenteísmo na enfermagem, quanto ao estado civil, verificou-se que dos 143 funcionários faltosos, 67,1% (n=96) eram casados. Ao abordar o absenteísmo relacionado ao adoecimento e estado civil, afirmam que os trabalhadores casados apresentam maior índice de afastamentos por terem mais responsabilidades domésticas.

Quanto ao vínculo empregatício, observou-se uma predominância dos prestadores de serviços (52,5%; n=21), profissionais sem vínculo empregatício, o que conduz a desvalorização salarial desse grupo em relação aos profissionais que atuam por meio de concurso público, sobrecarga de trabalho, imposição ás mínimas condições de trabalho e várias exigências, o que pode vir a elevar a incidência de DORTs. A insatisfação e o desânimo foram observados em quase todos os sujeitos em vínculo empregatício (90,5%; n=19). De acordo com Elias; Navarro (2006), as transformações ocorridas nas últimas décadas no mundo do trabalho têm repercutido na saúde dos indivíduos e do coletivo de trabalhadores. A intensificação laboral é traço característico da atual fase do capitalismo. A insegurança gerada pelo medo do desemprego faz com que as pessoas se submetam a regimes e contratos de trabalho

precários, recebendo baixos salários e arriscando sua vida e saúde em ambientes insalubres, de alto risco.

Percebeu-se que quanto mais tempo na enfermagem maiores os números de distúrbios osteomusculares enfrentados, nesse sentido verificou-se que 9,8% (n=9) desempenham ações de enfermagem há mais de 10 anos e apresentaram sintomas comuns como; lombalgia, dores na região cervical e membros inferiores. De acordo com Magnago et al. (2007) o local de trabalho, sob condições físicas, mecânicas e psíquicas adversas, é considerado como um dos principais fatores de risco para o desenvolvimento de alterações no sistema musculoesquelético sendo que a exposição contínua e prolongada aos fatores de risco no local de trabalho tem favorecido o surgimento das doenças ocupacionais.

Gráfico 1 – Principais regiões acometidas por sintomas referentes as DORTs



Houve prevalência de sintomas dolorosos em 87,5% (n=35) dos entrevistados. As principais manifestações dolorosas foram: lombalgia (29,4%; n=27) dor na cervical (20,7%; n=19), dor nos tornozelos e pés (16,4%; n=15), região dorsal (10,9%; n=10), ombros (9,8%; n=9), joelhos (5,4%; n=5), mãos e punhos (5,4%; n=5), coxas (1%; n=1) e braços (1%; n=1). Em pesquisa semelhante, Ribeiro et al. (2012) identificaram prevalência de DORT em 83,4% dos pesquisados. Ao considerar as regiões corporais de forma isolada, constataram que os principais segmentos corporais afetados foram: lombar (53,9%), pernas (51,9%), pescoço (36,4%), parte alta do dorso (35,7%) e ombros (33,8%). Ao analisar as regiões em conjunto, verificaram que 65,6% dos indivíduos referiram DORT nos membros inferiores (coxa, joelho, perna, tornozelo ou pé), 57,1% referiram DORT em pescoço, ombro ou parte alta do dorso e 32,8% em extremidades superiores distais (cotovelo, antebraço, punho, mão ou dedos).

O Ministério da Saúde afirma que apesar da coluna lombar sempre ser destacada como a principal região acometida em profissionais de enfermagem, verificou-se neste estudo diferença neste dado, pois ao ser considerada a análise das regiões do pescoço, ombro e parte alta do dorso conjuntamente, como já realizado em outros trabalhos os sintomas nessa região foram mais prevalentes (57,1%, quando comparados a 53,9% na região lombar). Essa análise conjunta de pescoço, ombro e parte alta do dorso pode ser adotada, pois se considera que estes segmentos atuam como uma unidade funcional, sendo difícil identificar especificamente os fatores de exposição e sintomas para cada área separadamente (BRASIL, 2010).

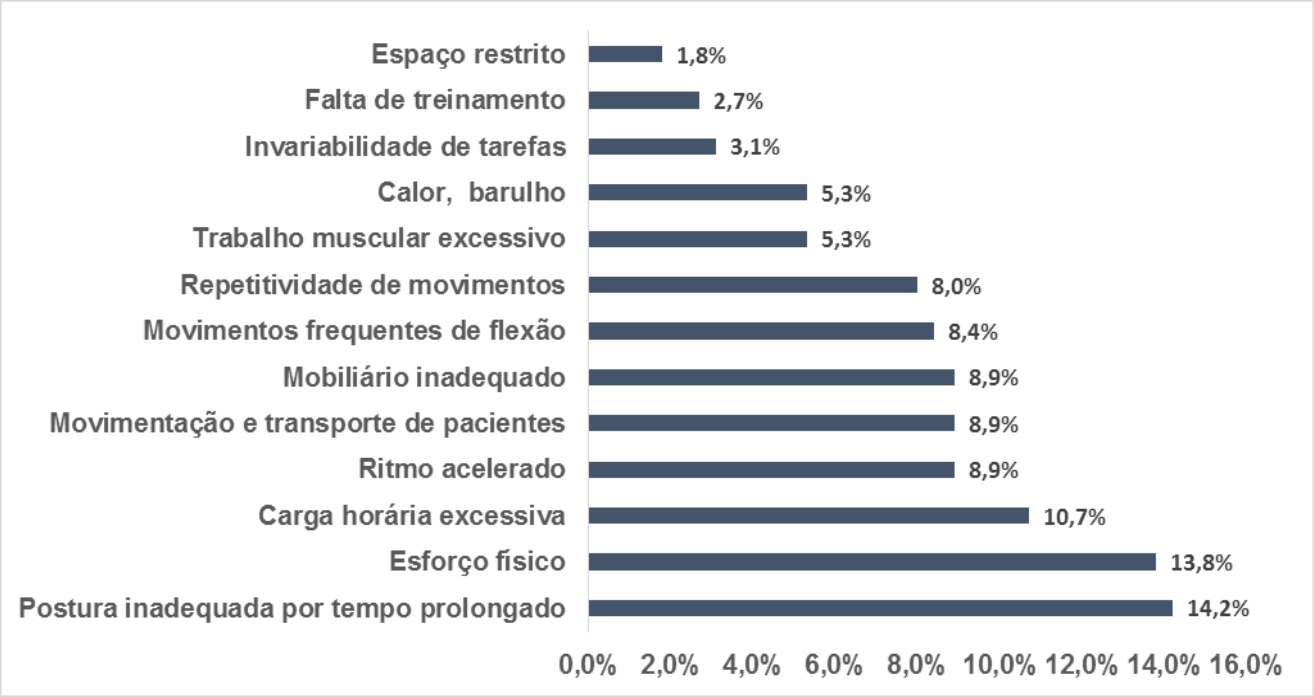
Ainda, 47,5% (n=19) dos profissionais afirmaram já ter apresentado algum problema de saúde relacionado à atividade laboral, entre esses, foram citados bursite, lombalgia, edema em membros inferiores (MMII), varizes, dor nos MMII, hérnia de disco, ciaticoalgia, insônia,

alopecia, estresse, cansaço, tuberculose primária, lesão por esforço repetitivo (LER), torcicolo, escoliose e tendinite, como os distúrbios mais associados pela população em estudo. Contrariamente, 52,5 (n=21) não associaram nenhum distúrbio a sua profissão.

De acordo com dados obtidos, nota-se que grande número de profissionais de enfermagem atribuem os distúrbios na saúde ao tipo de atividade que desenvolvem. A falta de atividades referentes aos cuidados com o bem estar dos servidores é observada em todos os setores que a enfermagem atua.

Por conseguinte, quando indagados sobre o conhecer algum colega de profissão que desenvolveu DORTs, (52,5%; n=21) afirmaram conhecer enfermeiros que desenvolveram tais distúrbios, a exemplo da hérnia de disco, tendinite, condromalacia, ciaticoalgia, escoliose e bursite. Segundo Barbosa et al. (2011) tais distúrbios não são causadas por um esforço repetitivo qualquer, as causas vão além dos sintomas físicos, passam pela organização do trabalho, dificuldades interpessoais bem como os fatores ergonômicos.

Gráfico 2 – Distribuição da amostra quanto aos principais fatores determinantes para aparecimento de DORT nas atividades de enfermagem



Conforme o gráfico 2, pode-se identificar que a postura inadequada por tempo prolongado foi indicada pelos enfermeiros da pesquisa como sendo um dos principais fatores para o aparecimento de DORT em consequência de suas atividades laborais, seguidos pelo esforço físico e carga horária excessiva. Observando-se a rotina dos enfermeiros é fácil identificar várias situações pelas quais são expostos, o esforço físico ao assistir clientes com pouca mobilidade e ainda a carga horária excessiva imposta pelo setor.

De acordo com o Ministério da Saúde as posturas que podem causar afecções musculoesqueléticas possuem três características que podem estar presentes simultaneamente: posturas extremas que podem forçar os limites da amplitude das articulações, postura de pronação do antebraço, a força da gravidade impondo aumento de carga sobre os músculos e outros tecidos, posturas que modificam a geometria musculoesquelética e podem gerar estresse sobre tendões, músculos e outros tecidos e/ou reduzir a tolerância dos tecidos (BRASIL, 2012b).

Moreira; Mendes (2009) afirmam que, entre as atividades realizadas rotineiramente no trabalho, 58,14% dos profissionais de enfermagem de seu estudo referiram à mobilização do paciente acamado; 44,19% mencionaram a mobilização de materiais, equipamentos,

instrumentos; e 41,86% citaram o transporte de pacientes como atividades que demandavam esforço físico. Além disso, a utilização de materiais sucateados ou sem manutenção e não padronizados em suas dimensões (altura das macas desnivelada com altura dos leitos, cadeiras higiênicas que não passam pela porta do banheiro) exigem dos profissionais de enfermagem maior esforço físico e adoção e manutenção de posturas inadequadas, favorecendo o aparecimento de distúrbios osteomusculares.

Teixeira (2007) enfatiza que a carga horária laboral excessiva e o próprio trabalho do enfermeiro são tidos como alarmantes e podem ser importante causa da deterioração da qualidade da assistência de enfermagem como gerador de ansiedade, sofrimento psíquico, estresse ocupacional, desgaste e insatisfação profissional. Constatou também, que não é real a crença de que o estresse profissional de enfermeiros de unidades críticas é vivenciado de forma mais intensa quando comparado ao dos profissionais de outras unidades. Os enfermeiros de unidades abertas relataram alto nível de estresse devido ao relacionamento com outras unidades e supervisores, a assistência prestada ao paciente, a coordenação das atividades na unidade e as condições de trabalho para o desenvolvimento de suas atividades.

De acordo com Souza et al. (2012) os principais fatores de risco relacionados as DORts são aumento da jornada de trabalho, horas extras excessivas, ritmo acelerado, déficit de recursos humanos, mobiliários inadequados, iluminação insuficiente, força excessiva para realizar determinadas tarefas, repetitividade de movimentos e de posturas inadequadas no desenvolvimento das atividades laborais.

Os fatores ergonômicos, como a repetição de movimentos, manutenção de posturas inadequadas por tempo prolongado, esforço físico, fatores organizacionais e psicossociais, e outros fatores, quando associados à intensidade, duração e frequência, podem concorrer para o surgimento de LER/ DORTs (BRASIL, 2012a).

CONCLUSÃO

A partir deste estudo, foi possível verificar alta prevalência de sintomas dolorosos entre os enfermeiros, com manifestações de dor em quase todos os segmentos corporais. Logo, o principal fator condicionante foi a postura inadequada por tempo prolongado.

Considerando o exposto, afirma-se que conhecer os aspectos que determinam o aparecimento de DORT é fundamental para os profissionais de saúde, pois somente a partir dessa compreensão será possível estabelecer medidas de prevenção e entender porque um profissional pode sentir dor e não apresentar lesões, uma abordagem multiprofissional e sistêmica dos problemas de saúde, no trabalho, poderá minimizar ou prevenir o surgimento de DORT. Os agravos à saúde do trabalhador enfermeiro existem e merece destaque importante no trabalho hospitalar e no conjunto da saúde. Assim, recomenda-se que deve ser incorporada ao cotidiano desses profissionais, a prevenção através do Serviço de Saúde Ocupacional do Hospital, oferecendo condições de reajustes na sua condição de vida e trabalho, com adaptação em funções, setores e horários menos estressantes para melhor enfrentamento dos estímulos externos e internos.

Descritores: Ergonomia. Trabalhador de Enfermagem. Distúrbios Osteomusculares.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, M; GODOY, S.C.B. A Procura pelo serviço de atenção à saúde do trabalhador e absenteísmo – doença em um hospital universitário. **Revista Mineira de Enfermagem**, v.5, n.1, 2009.

BARBOSA, M. S. A. et al; A vida do trabalhador antes e após a Lesão por Esforço Repetitivo (LER) e Doença Osteomuscular Relacionada ao Trabalho (DORT). **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 5, n. 60, 2011.
BRASIL, Ministério da Saúde Departamento de Ações e Estratégias. Área Técnica de Saúde do Trabalhador. **Lesões por Esforços Repetitivos (LER) e Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho (DORT)**. Brasília, 2012a.
_____, Ministério da Saúde. **Dor relacionada ao trabalho.** Lesões por esforços repetitivos (LER) Distúrbios osteomusculares relacionados ao trabalho (Dort). Série A. Normas e Manuais Técnicos, n.10, Brasília, 2012b.
_____, Ministério da Saúde, **Doenças relacionadas ao trabalho**: manual de procedimentos para os serviços de saúde. Série A. Normas e Manuais Técnicos, n. 114, Brasília, 2010.
DAMASCENO, D. D. et al. Fatores que predispõem a equipe de enfermagem às lesões osteomusculares no exercício das atividades laborais, **Revista Holos**, v. 1, n. 27, 2011.
ELIAS, M. A.; NAVARRO, V. L. A relação entre o trabalho, a saúde e as condições de vida: negatividade e positividade no trabalho das profissionais de enfermagem de um hospital escola. **Revista Latino americana de Enfermagem**, v. 14, n. 4, 2006.
FONSECA R; SERRANHEIRA F. Sintomatologia musculoesqueletica auto-referida por enfermeiros em meio hospitalar. **Revista Portuguesa de Saúde Pública**.v.6, n.1, 2006.
LEITE, P. C. et al. A mulher trabalhadora de enfermagem e os distúrbios osteomusculares relacionados ao trabalho. **Revista da Escola de Enfermagem USP,** v.41, n. 2, 2007.
LOPES, M. J. M; LEAL, S. M. C; A feminização persistente na qualificação profissional da enfermagem brasileira. **Cadernos pagu**, n. 24, 2005.
MAGNAGO, T. S. B. S. et al. Distúrbios musculo-esqueléticos em trabalhadores de enfermagem: associação com condições de trabalho. **Revista brasileira de enfermagem**, v.60, n.6, 2007.
MOREIRA, A. M. R.; MENDES, R. Fatores de risco dos distúrbios osteomusculares relacionados ao trabalho de enfermagem. **Revista de Enfermagem. UERJ**, v. 13, n. 1, 2009.
RIBEIRO, N. F, et al. Prevalência de distúrbios osteomusculares relacionados ao trabalho em profissionais de enfermagem. **Revista Brasileira de Epidemiologia,** v.15, n.2, 2012.
SILVA, D. C. M.; LOUREIRO, M. F.; PERES, R. S. Burnout em profissionais de enfermagem no contexto hospitalar, **Psicologia hospitalar.** v.1, n.6, 2008.
SOUZA, K. G. S. et al. Riscos ergonômicos e a atividade laboral dos enfermeiros em um hospital público. **Revista de enfermagem UFPE**, v. 6, n. 1, 2012.
TEIXEIRA, R. C. **Enfermeiros com doença crônica:** as relações com o adoecimento, a prevenção e o processo de trabalho; Dissertação [Mestrado em Enfermagem] - Universidade Federal do Paraná, 2007.

Milena Nunes Alves de Sousa
Endereço para correspondência: Rua Severino Soares, SN, Q13, L8. Maternidade, Patos-PB. CEP: 58701-360.